

O MASOQUISMO E O PROBLEMA ECONÔMICO EM FREUD

*Mariana Rocha Lima
Sonia Leite*

Esse trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Psicanálise da UERJ, cujo objetivo é articular o conceito de masoquismo, na obra de Freud, à construção do conceito de pulsão de morte e de gozo. A proposta é, a partir de uma seleção dos textos freudianos mais relevantes sobre esse assunto, rastrear os principais momentos em que Freud trabalhou o conceito de masoquismo em suas aproximações com a economia pulsional. As relações entre masoquismo e pulsão revela a importância do tema da perversão para essa discussão, não se tratando aí de uma mera coincidência. A questão do masoquismo, em específico, denuncia a presença de uma “incoerência” econômica no funcionamento da pulsão, presente desde os primeiros escritos de Freud, como indicaremos a seguir.

Freud, em 1905, ao analisar a sexualidade no campo das aberrações sexuais, assinala o caráter sexual no fundamento das neuroses, revelando o caráter perverso da sexualidade infantil. Ele constata que os sintomas na neurose representam uma expressão convertida das pulsões consideradas perversas. Indica que: “Portanto, os sintomas se formam, em parte, a expensas da sexualidade anormal; a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão.” (FREUD, 2006a, p.157)

Assim, ele coloca em destaque que haveria uma base inata, uma verdadeira disposição perversa em todos os seres humanos. Essa disposição se refere à sexualidade que está presente desde a infância em todos os homens e que ele denomina de sexualidade infantil perverso-polimorfa.

O masoquismo inclui, aqui, todas as atitudes passivas frente ao objeto sexual. Nos casos mais extremos, teríamos como condição de satisfação o padecimento de dor

física ou anímica infligida pelo objeto sexual. O sadismo - seu par oposto - é uma atitude ativa frente ao objeto sexual que envolve relativo grau de violência, e que pode chegar a ter, como condição para a satisfação sexual, a necessidade de causar dor e humilhação ao objeto. Freud alerta que tanto o masoquismo, quanto o sadismo, numa certa medida, fazem parte da sexualidade e só devem ser considerados como uma patologia nos casos mais extremos.

Um ponto importante destacado nos *Três Ensaio sobre a Sexualidade* (FREUD, 2006a) é que a pulsão de autoconservação teria um objeto certo, como o seio, e a pulsão sexual não teria. Somente pode-se pensar em termos da economia da pulsão, quando nos referimos a pulsão sexual, pois haveria uma distribuição da libido. Conforme Freud avança na sua construção da teoria pulsional, os dois tipos de pulsão citadas em 1905 vão ser consideradas sexuais e sem objeto. O objeto não está originalmente vinculado a pulsão e, por essa razão, ele é extremamente variável. Ele se ligará a pulsão apenas devido a sua capacidade de satisfazê-la.

Em 1914, Freud já havia constatado que as pulsões de autoconservação também deveriam ser consideradas como pulsões sexuais, uma vez que o eu é o maior reservatório da libido. Em *Pulsões e seus Destinos*, Freud (2004b) descreve quatro destinos possíveis para a pulsão sexual. Será a partir do exemplo do sadismo e do masoquismo que ele analisa o destino que descreve como *redirecionamento contra a própria pessoa*.

Nesse momento, ele considera que, quanto à constituição do sujeito, o sadismo é anterior ao masoquismo, e que o componente sádico da pulsão sexual só se fará presente na fase pré-genital. Afirma que o masoquismo é um sadismo voltado contra a própria pessoa. A diferença entre esse par de opostos consistiria apenas na troca do *objeto* da pulsão, mas não em sua *meta*. Portanto, o masoquismo compartilharia a satisfação

sexual presente no sadismo e Freud sublinha o papel da identificação com o outro na fantasia onde se destaca a agressão contra a própria pessoa.

Em 1920, no artigo *Além do princípio de prazer*, Freud (2006b) se depara com os sonhos traumáticos e percebe na clínica que seus pacientes apresentavam uma compulsão à repetição que nada tinha a ver com uma busca pelo prazer. Ele então abandona a sua primeira teoria das pulsões que se dividia em duas categorias opostas: pulsão de auto-conservação e pulsão sexual, e introduz um novo dualismo para caracterizar o conflito psíquico: pulsão de vida, ou Eros, e pulsão de morte.

A pulsão sexual, agora nomeada de pulsão de vida, seguiria uma economia psíquica regida pelo princípio de prazer. A pulsão de morte, encontrando-se em oposição a esse primeiro tipo de funcionamento pulsional, objetiva a desintegração e a redução completa das tensões, tendendo ao retorno a um estado mítico originário, que Freud denomina de estado anorgânico.

O texto de Freud (idem) de 1920 considera a pulsão de vida como equivalente à pulsão sexual, levando em conta que o plasma germinal, a procriação das espécies, é a própria continuidade da vida e, num certo sentido, a imortalidade. Devido ao fato da pulsão de auto-conservação ser tão sexual quanto às pulsões denominadas como sexuais (FREUD, 2004b), a pulsão do eu e a pulsão sexual se refere apenas a uma classificação topográfica. Portanto, ao criar essa nova oposição, ele descreve um novo campo que se funda na impossibilidade de completude do sujeito, tendo em vista que os sujeitos não podem ser reduzidos à biologia ou ao aparelho psíquico.

Anteriormente, a pulsão poderia ser pensada como regida pelo princípio de prazer, mas com a introdução do conceito de pulsão de morte, qualquer pulsão passa a ser pensada em sua origem, como algo para além da economia do princípio de prazer. A

partir da pulsão de morte, o sadismo e o masoquismo, presentes em qualquer ser humano, são percebidos como um dado irreduzível da pulsão.

Ainda em 1920, ao constatar que Eros busca sempre a manutenção da vida, Freud passa a considerar, por outro lado, o sadismo como uma manifestação da pulsão de morte, pois considera tratar-se de uma expressão dessa pulsão que visa sempre a agressão ao objeto. Ao seguir esse pensamento, ele levanta a hipótese de que na verdade o sadismo seria uma parte da pulsão de morte que foi afastada pela libido narcísica do eu e, deste modo, passou a servir às pulsões sexuais.

Freud encontra-se, a partir desse momento, diante do impasse de ter que relacionar o modelo da homeostase do aparelho psíquico com sua nova teoria pulsional que introduz uma articulação *dor-prazer* e, com esse intuito, escreve em 1924, *O Problema Econômico do Masoquismo*. O modelo anterior, sustentado no princípio de constância, onde o organismo buscava manter sempre o mesmo nível de estimulação evitando, assim, o desprazer para o aparelho psíquico, não responde mais às evidências da clínica freudiana. Esse impasse econômico indica a existência de um masoquismo primário, que ele também chama de erógeno, que aponta para a presença de uma outra lógica de funcionamento econômico: a pulsão de morte que está para além do princípio de prazer.

A primeira questão que Freud busca refletir é justamente sobre a relação do masoquismo com o princípio de prazer. Como poderíamos pensar no masoquismo como prazer através da dor, quando o princípio de prazer tem como objetivo buscar o prazer ou, ainda melhor, evitar o desprazer?

Ao longo do texto, Freud explicita os princípios que regem a nossa vida psíquica. O princípio de prazer perde seu domínio, como guardião da vida psíquica, quando a dor e o desprazer perdem seu sentido de alarme para ser o objetivo final da

pulsão. O princípio de prazer não é só o guardião da vida psíquica, mas da vida em geral e o masoquismo se apresenta como um grande perigo (o sadismo não apresenta esse perigo).

Retomando o que foi afirmado em seu trabalho de 1905: como a excitação sexual (tensão prazerosa) na sexualidade infantil surge como efeito colateral de processos internos que ultrapassaram certos limites quantitativos, há uma possibilidade de que qualquer coisa que aconteça de relevante no organismo tenha uma parcela de excitação desviada para contribuir com as pulsões sexuais. Conseqüentemente, Freud supõe que a dor e o desprazer também podem ser acrescentados à pulsão sexual, o que também indica que no início da vida a dor e o prazer se mesclam não havendo uma clara distinção entre eles. O masoquismo infantil seria gerado pela dor e pelo desprazer fisiológico que se selaria mais tarde como o masoquismo erógeno e que teria o seu desenvolvimento e magnitude conforme a sua constituição sexual.

Freud busca uma explicação satisfatória sobre o termo masoquismo que leve em consideração o que ele acredita ser seu par de oposto, o sadismo. Com esse propósito, ele parte de uma suposição mítica em que ao surgir à pulsão de vida, a pulsão de morte já estaria desde sempre presente. A libido, ao entrar em cena, passa a ter a função de frear a destrutividade desse movimento pulsional originário, que tem como objetivo o retorno ao estado inanimado. A libido passaria a contar com um “sistema especial de órgãos”, a musculatura, que desviaria para fora do organismo uma grande parte da pulsão de morte para o mundo externo a serviço da pulsão sexual. Como citado anteriormente, à pulsão de morte que é expulsa é chamada de sadismo.

Diferente da afirmação de 1915, citada acima, o masoquismo erógeno estaria presente desde sempre como expressão da pulsão de morte, participando de todas as transformações da libido e estaria na base de todos os tipos de masoquismos. Portanto,

os componentes sádicos e masoquistas estão presentes e operantes em todos os estádios da libido. O masoquismo erógeno, ao se encontrar atrelado a componentes da libido, tomaria como objeto o próprio organismo. Sendo, assim, um verdadeiro testemunho do amálgama da pulsão de morte com a pulsão de vida, e é através dele que podemos reconhecer algo desse momento mítico.

Lacan (1962-1963/ 2008), por sua via, ao pensar a questão do masoquismo e o problema econômico na psicanálise, lança mão do conceito de gozo. A problemática em torno do gozo revela uma inacessibilidade, um impossível na constituição do sujeito, indicativo de um campo cingido por uma barreira. No entanto, é devido à interdição do gozo que os sujeitos se tornam desejantes, ou seja, errantes na busca do objeto impossível, o que caracteriza o desejo como uma metonímia do ser. O desejo só se torna possível pela interdição do gozo, no entanto, entre eles existe uma relação sensível, pois eles se encontram em campos opostos.

Para emergir como sujeito é preciso pagar com o gozo, ou seja, abrir mão de uma parcela de gozo. Fato que indica a impossibilidade de uma suposta satisfação completa e que movimenta a cadeia significativa fazendo falar o sujeito. O gozo, em relação aos impasses econômicos, é um conceito que aponta para um além do funcionamento psíquico e que revela a dor prazerosa ou um prazer doloroso, que foge, mesmo que parcialmente, do princípio de prazer. Lacan (1962-1963/2008) defende que a pulsão não pode ser pensada apenas em parâmetros de energética, pois, ela tem um aspecto criacionista. A pulsão de morte não visa apenas o seu retorno ao estado inanimado, o que diz respeito à ordem da energética, como Freud (1923-1938/2006) demonstra em *O Problema Econômico do Masoquismo*, Lacan denomina o aspecto criacionista da pulsão como histórica, pois, a repetição de que se trata na pulsão de morte é a repetição do novo já que não se pode encontrar o objeto da pulsão.

A prática psicanalítica, ao visar a emergência do desejo do sujeito, aponta para uma ética que supõe a impossibilidade de uma satisfação completa revelando a necessária reinvenção do sujeito. Lacan (1962-1963) define esse aspecto histórico da pulsão como sendo uma vontade de destruição, ou seja, uma vontade de Outra coisa. A pulsão visa o recomeço, a construção de novas redes significantes. Essa dimensão histórica se manifesta através das características de insistência e de repetição da pulsão.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v.7. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006a.

_____. À Guisa de Introdução ao Narcisismo In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: 1911-1915**, v.1. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2004a.

_____. Pulsões e destinos da pulsão In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: 1911-1915**, v.1. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2004b.

_____. Além do princípio do prazer In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: 1915-1920**, v.2. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006b.

_____. O Problema Econômico do Masoquismo. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: 1923-1938**, v. 3. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006c.

LACAN, J. **O Seminário livro7: a ética da psicanálise** (1962-1963). Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.

SOBRE OS AUTORES

Mariana Machado Rocha Lima. Psicanalista. Mestrando em Psicologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Membro da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle.

Sonia Leite. Psicanalista. Professora Visitante do programa de Pós Graduação em Psicanálise da UERJ; Doutora em Psicologia Clínica PUC-Rio.